

A Rede Globo e suas novelas: A VERDADEIRA PREFERÊNCIA NACIONAL?

De empresários a empregadas domésticas, ninguém resiste aos vilões e mocinhas globais.

CÁSSIA MACHADO, CRISTIANE BOECHAT E MARIA GABRIELA SANTOS

Falar da Rede Globo é falar da cultura brasileira. Não se pensa em representação cultural no Brasil sem pensar na maior rede de comunicação do país e em suas novelas. O sucesso de alguns artistas aumenta quando têm uma música na trilha sonora da novela das oito. Para lotar seu teatro, um ator tem que fazer parte do elenco global. Até mesmo a elite econômica do país se rende aos encantos das novelas. "Lá no trabalho, quando o patrão tem um jantar de negócios qualquer, no dia seguinte ele me pergunta o que aconteceu na novela", revela a secretária Márcia Freitas.

A influência da Rede Globo nos padrões de vida do brasileiro aumenta de acordo com os números do Ibope. O psicólogo Armando Ferrer explica que o novela é viciante. "O espectador assiste ao primeiro capítulo só de curiosidade e não larga mais a novela".

Preferência há mais de 30 anos

As Organizações Globo não são únicas na história brasileira quando se fala de oligopólio das comunicações. O primeiro ciclo de concentração de

propriedade deste tipo no Brasil foi o dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Da década de 40 à década de 60, o público brasileiro consumia em escala a revista *O Cruzeiro* e a TV Tupi era líder absoluta de audiência.

**"O Jornal Nacional não podia ter mais de 15 minutos, se não a dona-de-casa mudava de canal."
Armando Nogueira**

Era o tempo da televisão ao vivo, das improvisações. "Lembro de uma vez em que o programa entrou no ar e a então cantora Hebe Camargo estava desavisada. Alguém devia ter lhe contado uma piada, ou algo parecido, porque ela ria sem parar. O produtor começou a falar 'Hebe, pelo amor de Deus, cante! Estamos no ar!' e ela continuava rindo. Era assim, quando menos a gente esperava, tinha verda-

deiras video-cassetadas ao vivo", lembra a dona-de-casa Yolanda Carvalho, 70 anos.

Em 1963, a TV Excelsior introduziu as telenovelas diárias, com *2-5499 Ocupado*, com Tarcísio e Glória. O maior sucesso da época viria entre 64 e 65: *O Direito de Nascer*, da Tupi.

Em 1965, ano da inauguração da Rede Globo, abria-se a era dos festivais, da Jovem Guarda, etc. A televisão já não era um veículo restrito a uma pequena parte da população e o videotape acabava com a era do improvisado. Os satélites de comunicação já estavam no espaço há algum tempo, a tecnologia avançava e o governo militar incentivava. Já na década de 70, a Rede Globo estava pronta para se expandir, formando uma "rede de integração" que ligaria todo o país.

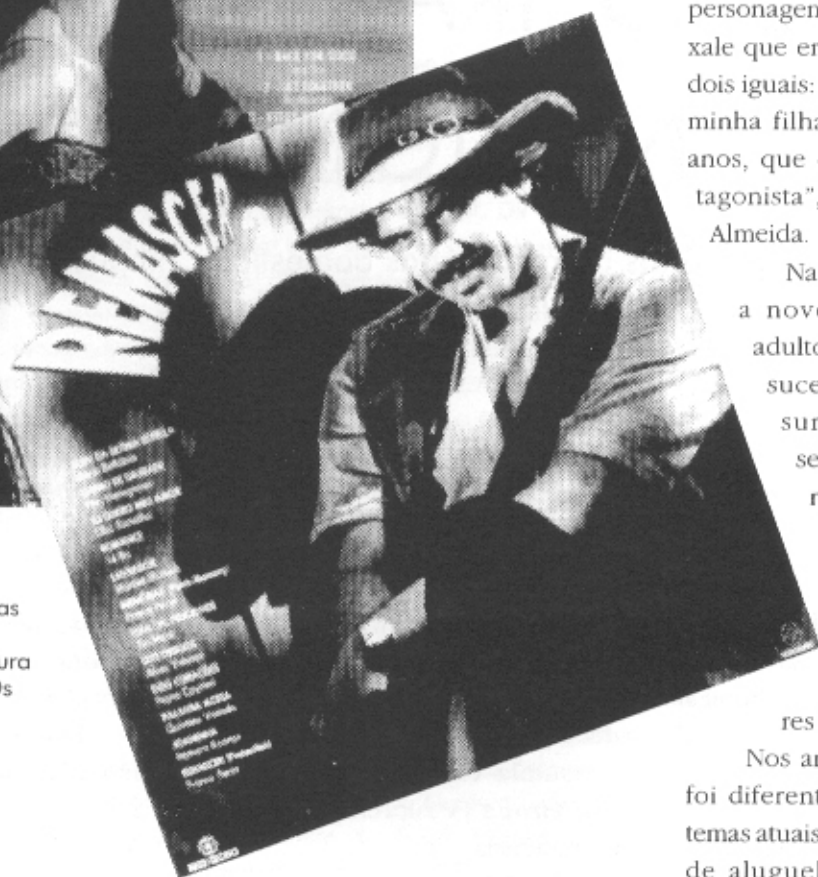
CARA & AORO

ECLÉTICA

19 - AGO/DEZ 1997



O sucesso das telenovelas é tão grande que a indústria fonográfica fatura alto com a venda de CDs



No final da década esse objetivo já era uma realidade, com cinco estações geradoras (Rio, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Recife). O *Jornal Nacional*, desde que passou a ser transmitido em cadeia, tornou-se líder de audiência. Estrategicamente programado entre duas novelas, como é até hoje, ele não poderia ter mais que 15 minutos "senão a dona-de-casa mudava de canal", dizia seu diretor Armando Nogueira, garantindo assim mais de 40 milhões de telespectadores. Em meados da década de 70, as atrações eram o *Fantástico* e *Os Trapalhões* (que passaram a dividir a liderança de audiência com o JN).

De Julia Mattos a Odette Roitmann, vilãs e mocinhas no coração do povo

As novelas - o grande filão da Tv Globo, que se tornaram de vez a preferência nacional - adotaram um cintilante estilo

cinematográfico, com produções caríssimas. A novela das seis era a mais romântica, geralmente baseada em algum clássico da literatura brasileira, como *Senhora*, *A Moreninha*, *A Escrava Isaura* - mais tarde um sucesso absoluto em todo o mundo. No horário das sete, a preocupação era a de abordar temas leves, atuais, com pitadas de humor, como em *Feijão Maravilha* - que mostrou para o Brasil o embalo das *Frenéticas* - , *Estúpido Cupido*, *Marrom Glacê* e outras.

**"Meu restaurante ficou vazio. Todo mundo queria saber quem matou Odete Roitmann."
Marcos Tovar**

Na novela das oito - a principal - combinavam-se todos os ingredientes para se formar uma trama de mistério, folhetim, ascensão social e drama, como foi o caso de *Irmãos Coragem*,

Selva de Pedra, *O Astro* e *Dancing Days*. As novelas não apenas entretiam. Também ditavam moda e comportamento na sociedade. "A Julia, personagem da Sônia Braga, usava um xale que era o máximo da moda. Fiz dois iguais: um para mim e outro para minha filha, então com uns quatro anos, que dançava que nem a protagonista", conta a professora Elbi Almeida.

Na década de 70 existia ainda a novela das 10, com temas adultos. *Gabriela* foi o grande sucesso do horário. Em 79, surgiram quatro seriados semanais, que substituíram a novela das 10: *Malu Mulher*, *Carga Pesada*, *Plantão de Polícia* e *O Bem-Amado* - este último embalado pelo sucesso da primeira telenovela a cores da televisão brasileira.

Nos anos 80 e 90 a história não foi diferente. Desta vez abordando temas atuais, como corrupção, barrigas de aluguel, Aids e sem-terras, as telenovelas consolidaram o poder da Rede Globo e fabricaram novas estrelas. *Roque Santeiro*, *Renascer*, *Sassaricando*, *Vereda Tropical* e *Final Feliz* marcaram a Geração Coca-Cola. O sucesso das novelas não incomodavam apenas as outras emissoras. "Meu restaurante ficou vazio no dia do último capítulo de *Vale Tudo*. Todo mundo queria saber quem matou Odete Roitmann", recorda o comerciante Marcos Tovar. Vários cinemas acabaram com a sessão das 20 horas, nos dias de semana, porque o público ficava em casa para assistir a *Roque Santeiro*.

Agora é esperar pela novidade que a Net (outra empresa das Organizações Globo) prepara para 1998 ou 99: o canal Globo Novelas. "Meu Deus! Vai ter este canal mesmo? Estou perdida! Vou passar o dia inteiro na frente da TV", imagina a estudante Cláudia Regina Santos. ■